

Artigo da Folha sobre Carpeaux. Lembranças.

## **ARQUIVO ABERTO**

**Memórias que viram histórias**

### **Lembrança de Carpeaux Rio de Janeiro, 1967, e Lisboa, 1977**

**IVO BARROSO**

**EU JÁ TRABALHAVA** na editora Delta (travessa do Ouvidor, 33 - Rio) quando lá veio se instalar a equipe de Antônio Houaiss, que iria produzir a "Grande Enciclopédia Delta Larousse". Entre os mais brilhantes colaboradores estava Otto Maria Carpeaux, cujos artigos eruditíssimos eu costumava apreciar semanalmente no suplemento literário "Letras & Artes". Carpeaux era unanimemente considerado um dos maiores conhecedores de literatura mundial, respeitado pelo seu talento e suas abertas atitudes em prol da liberdade política. Anos antes, muito jovem, quando cismeí traduzir um livro de André Gide ("Le Retour de l'Enfant Prodigue"), ainda sem saber convenientemente o francês, acabei esbarrando em expressões para mim ininteligíveis.

Li então nos "Arquivos Implacáveis", de João Condé, uma espécie de "dossiê Carpeaux", no qual se dizia que ele jamais deixava uma carta sem resposta. Tomei coragem, escrevi-lhe e ele de fato me respondeu, com a ressalva de que sempre o fazia, "mas com certo atraso". De maneira simpática, esclareceu-me que o termo consultado era um expletivo, e que a expressão "comme un donateur au coin de tableau" se referia aos mecenas que se deixavam retratar no ângulo dos quadros que encomendavam aos artistas protegidos.

Na Delta, eu tinha ao alcance dos olhos e da minha curiosidade aquele erudito que me havia salvado de alguns impasses desalentadores. Via-o sempre à máquina, a datilografar, com invejável velocidade, páginas e mais páginas que se transformavam, com a tácita aprovação de Houaiss, em verbetes da enciclopédia.

Naquela época, eu andava traduzindo, embora milimetricamente, a catar cada palavra no dicionário, um livro de Hermann Hesse em que havia frequentes menções a um tal de Jean-Paul, que eu desconhecia de vista e de chapéu. Um dia, tomei coragem e cheguei junto a Carpeaux: falei antes de sua carta, que eu agora tinha a oportunidade de agradecer, e perguntei quem era aquele mencionado personagem. Todo um passado cultural reluziu nos olhos de

Carpeaux, que ensaiou responder minha pergunta: "Ah, o Richter!".

Ele se havia levantado cavalheirescamente à minha aproximação e, ao ouvir meu agradecimento, logo fez uma pausa, voltou a sentar-se junto à máquina e datilografou, de cor, com rapidez, todo um magnífico verbete sobre Jean-Paul Richter, citando-lhe (em alemão, é claro) as obras principais.

No fim, acrescentou que houve época em que Richter era tão popular que todos se referiam a ele apenas como Jean-Paul. A partir daí, consultei-o sobre inúmeros outros nomes,

principalmente ligados à música, e em agosto de 1967, quando nos separamos, recebi "Uma Nova História da Música" com dedicatória afetuosa que falava de nossa "velha amizade".

Em 1973, fui residir em Portugal, onde fiquei por dez anos. Em maio de 1977, Carpeaux veio a Lisboa e foi à nossa casa. Quando chegou, pus a tocar o Magnificat, BWV. 243, de Bach, que sabia ser de suas músicas preferidas. Carpeaux elogiou os azulejos e o jardim, mas, ao ouvir a música, exclamou contente: "Mas isto aqui é o paraíso!".

Tomamos chá, falamos sobre música e literatura, e ele discretamente se referiu ao Brasil sombrio em que estava vivendo, embora já vislumbrasse uma esperança de abertura. Aí, para animá-lo, eu disse: "Mas você veio agora rever a velha Europa, lembrar-se dos tempos...". E ele, sem titubeios: "Vim me despedir".

Soube depois que já estava então muito doente, vindo a falecer no ano seguinte. Naquele dia, ao despedir-se, a meu pedido, autografou seu livro "Vinte e Cinco Anos de Literatura", que eu trouxera do Brasil e ele vira na estante: "Ao amigo/ Ivo Barroso e Senhora, / com a gratidão pela hospitalidade/ e a muita amizade do/ Otto Maria Carpeaux/ Lisboa/ maio de 1977".